

SABORES E DISSABORES: o caminhar no trabalho de campo¹

*Abmalena Santos Sanches**

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação pesquisador/interlocutor durante o trabalho de campo. Apresento, a partir de relatos da minha própria experiência, alguns dilemas enfrentados pelo pesquisador e pelos interlocutores no processo de construção de uma relação necessária para a realização de uma pesquisa etnográfica. Discuto o lugar do pesquisador em relação ao do interlocutor destacando que tais posições são relativas, pois dependem, sobretudo, do lugar-outro que esses mesmos atores determinam para si. Desta forma, a pesquisa etnográfica aqui é compreendida como parte de um sistema que envolve a interação social, onde tanto o etnógrafo quanto seus interlocutores procuram controlar as impressões que os outros deles recebem.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Etnografia.

1 INTRODUÇÃO

O trilhar da minha caminhada pelos emaranhados das teias do bumba-meu-boi começou muito antes do desejo de realizar um trabalho de campo direcionado para a dissertação do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Iniciou-se quando eu ainda menina, ao lado do meu pai, ficava pelas madrugadas do mês de junho esperando a brincadeira de bumba-meu-boi nos arraiais da cidade de São Luís. O cenário bastante movimentado dos festejos de São João tem permeado minha memória desde então, e vai se evidenciando a cada ano como um sistema de valor que funda e suscita o pertencimento do maranhense.

Meu interesse propriamente acadêmico, digamos assim, se deu ao iniciar o curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Maranhão, e inserir-me na pesquisa de iniciação científica **Religião e Cultura Popular**². Especialmen-

*Mestre em Antropologia e professora assistente do Curso de Serviço Social da Fundação Universidade Federal do Tocantins.

te a participação na pesquisa, na medida em que suas discussões estavam direcionadas para estudos e leituras sobre cultura popular e religião afro-brasileira, veio acentuar meu interesse pelo universo do bumba-boi. Além disso, a experiência de campo serviu como prática de diálogo com o “outro”. Iniciava meu deslocamento e aprendizado como pesquisadora. Progressivamente, via-me envolvida com as diferentes trilhas, os diferentes tons, cores e estilos do bumba-meu-boi do Maranhão.

Vislumbrei descobertas, medos e encantamentos. Em campo, gritava a minha subjetividade de maranhense, reverso de um espelho enuviado, uma profusão de sensações que por fim se constituíram em dados objetivos; a tradução do que eu “lia” concretizou-se em minha monografia de conclusão do curso de graduação: “Capricho do Povo: um estudo sobre o Bumba-meu-boi da Madre de Deus”, meus rascunhos e pinceladas iniciais sobre o bumba-meu-boi. Meu primeiro trabalho monográfico configurou-se como um estímulo importante para a continuidade na vida universitária. Foi um “demarcador de águas”, pois, além de suscitar o meu desejo em prosseguir estudando antropologia, agregou-se como um projeto: o de lugar de estudo.

Desta forma, é que este texto se propõe a relatar e discutir, a partir de minha experiência, alguns dilemas vivenciados durante a permanência do pesquisador no campo. Compreendo ser, ainda hoje, uma preocupação da antropologia o debate sobre a constituição das relações no campo, principalmente quando se está discutindo a autoridade do pesquisador e dos sujeitos pesquisados, tema tão caro a esta disciplina e ao seu clássico método de pesquisa.

2 SER DE “DENTRO” E SER DE “FORA”: a ambigüidade do “lugar” no campo

Ao tecer uma reflexão sobre o trabalho de campo etnográfico realizado junto ao Boi da Madre Deus, considero significativo fazer algumas considerações sobre as relações entre o pesquisador e os brincantes. A pesquisa etnográfica é entendida aqui como parte de um sistema que envolve a interação social, onde tanto o etnógrafo quanto seus interlocutores procuram controlar as impressões que os outros deles recebem.

Durante a realização de pesquisa etnográfica coadunei métodos e técnicas consagradas na antropologia como o trabalho de campo e a observação direta e participante. Minha experiência de campo se construiu através de lentes muitas vezes duvidosas, ambíguas e sem contornos definidos, devido ao meu

envolvimento e “familiaridade” com a realidade do bumba-meu-boi. Imprimia-se um conflito: por um lado, tais lentes apresentavam-me um universo “familiar”, onde reconheço estilos, sons, cores, contos, categorias, gostos e gestos, partilhando, assim, de uma experiência coletiva, identificando-me com a condição de ser maranhense e de vivenciar o bumba-meu-boi; por outro lado, esse mesmo universo constituiu-se como “diferente”.

Foi a interseção desses modos de olhar que me permitiram, durante o trabalho de campo e na construção deste texto, estranhar, conhecer, surpreender-me, ter certezas, dúvidas, desconhecer, questionar e compreender; circunstâncias que se impõem com vigor, como uma condição no transcorrer do fazer antropológico. Apreendi, dessa forma, que a distância com relação ao meu “objeto” era flexível. Em virtude disso, a minha comunicação com o campo utilizou-se de formas diversas, de contornos múltiplos.

Assim, um dos motivos que me levaram a continuar com o Bumba-meu-boi da Madre Deus como universo de pesquisa foi a minha relação com as pessoas desse grupo, que vem sendo mantida desde a época da monografia (1996 e 1997), bem como por acreditar que esse envolvimento poderia facilitar a minha nova pesquisa, já que, segundo as normas da instituição, eu teria apenas seis meses para realizar o trabalho de campo e tentar desenvolver uma relação de amizade, de intimidade e, sobretudo, de confiança, condições fundamentais para o desenvolvimento do trabalho antropológico.

Mas o campo nos reserva surpresas e um constrangimento inicial inscreveu-se numa situação de estranhamento partilhado, o que eu poderia assinalar como substrato do reconhecimento da existência do outro. Por um lado, a possibilidade de realização de minha pesquisa se deu em espaço delimitado pelos sujeitos que tinham a familiaridade e vivenciavam um universo que lhes era comum e ao qual eu adentrava. Minha posição diferenciada se estabelecia nitidamente ao começar a frequentar as reuniões e a casa dos membros da direção do grupo e dos brincantes, procurando respostas para minhas inquietações, bem como ao chegar perguntando, anotando e querendo saber tudo que possivelmente estaria se passando “com eles”.

A proximidade de seus membros estabelece laços mais ou menos profundos, materializando-se numa relação – se não harmoniosa – mas de relativa sintonia. Nesse contexto de grupo, o pesquisador, assim como o estrangeiro, para remontar-mos a Simmel (1983), está numa posição constrangedora, na mediada em que as representações das pessoas que o acolhem se afirmam nas impressões de alteridade. Implicitamente se colocava a impossibilidade de

“integração” indolor do que é concebido como diverso.

Na mesma ordem de idéias pude perceber que a minha convivência anterior com o grupo não estabeleceu a proximidade necessária. À medida que vivenciei outras experiências, que faço parte de outras campinas, que me desloquei por outros contextos, pude esboçar a minha condição de indivíduo³, ou seja, minha trajetória de vida favoreceu a caracterização de especificidades, uma diferença advinda de nosso caminhar diverso: “pesquisador” e “entrevistado” existiam exatamente a partir dos sinais diacríticos; “eu” e o “outro” dialogando em posições diferenciadas.

Pude presenciar, nesses termos, aquilo que o antropólogo Gilberto Velho (1978 e 1980) enfatizou em “Observando o Familiar”, ou seja, ter familiaridade e proximidade com o campo não significa conhecer aqueles que se pretende estudar, pois a sociedade não é um todo homogêneo e o antropólogo que procura pesquisar na sua própria sociedade ou cultura vai perceber que existe uma diversidade de universos diferentes e até mesmo contraditórios do seu e de outros (VELHO, 1980, p. 15-16).

Propicie assim, movimentos e encontros entre subjetividades. O que interfere e modela as relações complexas estabelecidas durante o “encontro etnográfico”: pesquisador e pesquisado frente a frente, cara a cara, convivendo e dialogando. Construindo uma relação onde se tem papéis pré-estabelecidos, mas que ao mesmo tempo proporciona deslocamentos, interações, disputa de saberes e poderes, pois o que acontece “não é uma relação entre coisas, entre objetividades, mas entre dois sujeitos, podendo sofrer variadas interferências” (CALDEIRA, T., 1981, p. 337). Nessa relação, nesse encontro, propõe-se criar um campo gravitacional que nos possibilite compreender e ser compreendidos. A experiência etnográfica se constrói pela trajetória e história de vida que compõe cada lado dessa relação⁴.

Portanto, embora tenha acreditado que se continuasse a “pesquisar” o mesmo grupo - onde já existia uma relação balizada na confiança e na amizade - não teria que passar por todo um processo de estranhamento e de desconfiança, já no primeiro momento fui surpreendida em minha condição. A surpresa tanto foi minha, quanto dos que estavam no comando do grupo, já que para a maioria eu era uma desconhecida, salvo alguns que disseram que se lembravam de mim acompanhando a brincadeira em momentos anteriores (no meio de dez, somente duas pessoas se lembravam). Achei, então, que seria de bom tom explicar os motivos que me levavam a estar ali novamente e se eles aceitavam as minhas razões para permanecer no grupo e acompanhá-los durante aproximadamente seis meses.

Desse modo, iniciei o meu trabalho de campo junto ao Bumba-meu-boi da

Madre Deus, na segunda quinzena do mês de abril do ano de 2002, quando procurei visitar a sede do grupo, no bairro da Madre Deus, localizado no centro antigo de São Luís⁵. Para melhor aceitação participei de várias reuniões e procurei, na medida do possível, conviver pelos espaços sociais da comunidade – de suas festas, seus bingos, suas confraternizações –, conversei com pessoas que para mim eram “novatas”, fiz as primeiras entrevistas, visitei a sede em horários diferentes das reuniões, visitei as casas de brincantes, aceitei convites para sentar nas mesas de bares do Bairro da Madre Deus, convites para ir à casa de pessoas que moram em outros bairros como no Quebra Pote, (zona rural de São Luís), Anjo da Guarda, Fumacê, almoçar na casa de membros do grupo, ou seja, convivendo intensamente no ambiente e na atmosfera que envolve as pessoas que fazem o boi, me familiarizando novamente e me deixando familiarizar. Processo que se dá de forma simultânea e dialética, que é percebido pelos dois lados, pois assim como eu tentava estabelecer contatos, reforçar laços e ser cordial, eles também eram gentis e observavam meu comportamento. Vale destacar que como “sinal” de boa acolhida pude perceber que vários componentes do grupo sentiram-se envaidecidos com o fato de o Boi da Madre Deus ser “objeto de pesquisa” de trabalho monográfico para uma instituição de ensino superior, fato recebido como uma condição de prestígio do grupo.

Com o decorrer do período de preparação da brincadeira e com a minha presença constante e diária nas reuniões na sede, foram se amenizando os estranhamentos. Já nos ensaios fui denominada de repórter ou de jornalista, que estava fazendo um trabalho sobre o grupo, e muitas pessoas desconhecidas, entre brincantes e diretores, perguntavam-me se acompanharia realmente o grupo por toda a temporada de duração da brincadeira. Ao ser indagada, sentia a necessidade de justificar a minha presença dizendo que um dos meus objetivos era acompanhá-los como em anos anteriores.

Em algumas situações, quando encontrava algum brincante conhecido, o tratamento a mim dirigido imprimia uma maior familiaridade, seus cumprimentos esboçavam-se de maneira que ressaltavam uma certa pessoalidade: “mais um ano né Malena”, “tu vai acompanhar esse ano de novo”, “tu nunca mais tinha aparecido”. Tal contexto favoreceu a percepção de que havia dois lugares estabelecidos no mesmo campo: para uns eu era Malena, que gostava de acompanhar o Boi da Madre Deus já há algum tempo, e para outros, eu era Malena, a repórter ou jornalista que estava estudando o grupo naquele ano.

Considero como um marco da passagem da relação de estranhamento para a de cordialidade e até mesmo de amizade com as novas pessoas da direção do

grupo e novos brincantes um fato que aconteceu no dia do ensaio do boi, no Bairro da Praia Grande, em 01 de junho de 2002. Nesse dia, fui solicitada pelo vice-presidente do grupo para ajudar a transportar alguns pandeiros, cigarros e bebidas, além de membros da diretoria. Assim foi que cedi o carro para que eles fossem e não perdessem o horário. Na reunião após esse ensaio foram feitos alguns comentários como: “esse ensaio foi tão bom que até a nossa jornalista contribuiu carregando pandeiro e levando cigarro e bebida”, “obrigado pela ajuda”, “essa é das nossas, adora bumba-boi”. Estabelecia-se, desse modo, a substância que fomenta a convivência humana: a reciprocidade. A minha incursão por aquele universo se dava de forma mais receptiva, laços se estreitavam. O ambiente das reuniões e a convivência com essas novas pessoas foram melhorando e foi criando-se uma atmosfera de contribuição mútua, de respeito e de entendimento.

Fui ficando a par de acontecimentos mais privados do grupo e constatei que ocorriam divergências e conflitos que opunham interesses diversos, subgrupos que se aliavam ou confrontavam em função de situações concretas. Ocorrem disputas e divergências entre as lideranças e a presidência pelo controle do Boi da Madre Deus. Essa força de disputas se estabeleceu a partir da última eleição para a direção do grupo, que ocorreu em novembro de 2001. O resultado da eleição articulou novas lideranças que foram eleitas, alijando do grupo antigos componentes, que se negaram a aceitar seus, concorrentes, afastando-se da comunidade.

No período das apresentações voltei a encontrar algumas pessoas da antiga diretoria, o que me fazia sentir, por um lado, mais próxima do grupo e imprimia uma sensação de cumplicidade, de intimidade, mas, por outro lado, percebia olhares duvidosos e até mesmo repreendedores por parte de outras pessoas. Então, a minha proximidade e intimidade com alguns membros me colocava, de certa forma, na condição de pertencente ao grupo, de ser considerada de dentro pelo tempo de convivência e de acompanhamento. Ao mesmo tempo, essa intimidade me distanciava do novo grupo diretor e do boi como todo. Fui percebendo que havia uma disputa muito grande entre os dois grupos para se manter no comando. Nas entrevistas e conversas com pessoas dos dois lados, pude ouvir relatos do que havia acontecido durante as eleições e o que estava ocorrendo até aquele momento, o que me deu a dimensão do problema.

Portanto, o contexto do meu campo estava delineado, de certa forma, por uma “guerra fria”, onde partes disputavam carisma, competência, poder, prestígio, conhecimentos, privilégios. Dessa forma, a pesquisa etnográfica precisou de muito “jogo de cintura”, pois, ao ouvir confissões, fiquei sabendo de coisas íntimas,

de processos antigos de rivalidades e conflitos, tive acesso a papéis e documentos não permitidos a todos, o que me fazia sentir íntima, uma pessoa de confiança, mas também impossibilitada de falar ou de confessar a quem acreditava ser de direito, não por não querer interferir, pois sei que somente a minha presença já interferiria, mas com receio de desencadear problemas mais sérios entre pessoas que já se conheciam e compartilhavam dessa atmosfera há mais tempo.

O campo construiu-se no meio dessas ambigüidades, indecisões, dúvidas, conflitos éticos, sentimentos e emoções que me perturbaram constantemente me assaltando na presença das pessoas, o que me colocava em situações incômodas. Movimento conturbado e dinâmico esse de ser considerada de “dentro” e em outros momentos ser de “fora”. Ou mesmo quando se está sentindo de dentro e se é lembrado com uma palavra, um gesto, uma atitude, que não se é igual a eles. Em outras ocasiões, pelo contrário, somos envolvidos em situações que nos colocam na condição de íntimo.

Ao presenciar isso deparei-me com o grau de complexidade que existe na prática de inserção no trabalho de campo antropológico, pois muitas vezes é confusa e tumultuada essa mistura entre a vida pessoal do pesquisador e a vida dos que se pretende estudar. Esse conflito vivido pelo pesquisador, conforme Geertz (2001), é a peculiaridade mais forte do trabalho de campo, no qual não é permitido a ele “qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extra-ocupacional da vida”. É nessa indeterminação, nessa fusão, que “devemos encarar as idéias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais”. Ou seja, faz-se necessário “[...] ver a sociedade como objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico” (GEERTZ, 2001, p. 45).

Dito de outra forma, estar no campo significa compartilhar as dores e alegrias que são frutos das relações cotidianas da vida do grupo estudado e da vida de quem pesquisa, pois não há uma separação racional entre os “imponderáveis” do campo e a vida pessoal de quem se atreve a estudar o “outro”. É justamente o envolvimento com o que está acontecendo que perturba e nos motiva a unir o engajamento ao grupo à análise da vida diária no campo. Essa é a árdua tarefa imposta ao antropólogo no campo: “aprender a viver e pensar ao mesmo tempo” (GEERTZ, 2001, p. 45).

Assim, passei todo o período do trabalho de campo procurando um lugar, não somente por esses deslocamentos causados pelas pessoas do grupo, mas

também, pelos meus próprios conflitos subjetivos que atravessavam os meus pensamentos, as minhas decisões e minhas ações, como por exemplo: o de sentir prazer dançando junto com eles, de torcer em uma apresentação do boi, de discutir com amigos e familiares em nome do grupo escolhido, bem como de sentir raiva de pessoas do grupo, de acreditar que estes estão errados nas suas posições, de pensar que uma diretoria é melhor do que a outra para o desempenho da brincadeira.

3 CAMPEANDO PELAS CAMPINAS DO BUMBA-BOI: o lugar-outro

Para exemplificar o “joguete” e a interferência da minha presença no grupo, destacarei algumas passagens do campo. Certamente os relatos não estão isentos de responsabilidades ou de meu juízo de valor. Traço o que interpretei com o sentido de conflito, que ao mesmo tempo supõe o fato do poder, da autoridade que ordena este texto. Entretanto, na busca de considerar as diferenças, destaca-se o lugar-outro, que forneceu antes a referência e desenhou-se como relação e objetivação do espaço social vivenciado.

O que aconteceu no dia do ritual da morte do boi alude essa dimensão de conflito. Nesse dia, o procedimento de alguns componentes do boi foi afastar-se, deliberadamente negaram-se a assistir ao ritual da morte e ficaram longe da festa, nos bares ou calçadas das casas vizinhas à sede. Depois do ritual alguns deles vieram até a mim perguntando se eu tinha gostado da morte e se o novo grupo tinha realizado de forma correta o ritual, pois “no tempo deles tudo era muito certinho”. Nesse momento fiquei a pensar sobre a questão dos deslocamentos de posições. Aqui eu estava sendo considerada uma pessoa que conhece os rituais e, por isso, podia fazer uma avaliação da maneira como se realizou o rito, estava assim, sendo autorizada e legitimada para falar como alguém que conhece a brincadeira e é de “dentro”, já que tinha pesquisado e participado, em anos anteriores, juntamente com esses mesmos sujeitos que me indagavam. Então, eu sempre transitava nessa condição, para uns sou de dentro ao ponto de saber os preceitos de um ritual “certo”; para outros sou estrangeira, não entendo nada, sou novata.

Outro fato que marcou o meu deslocamento foi quando fui solicitada a comparecer na casa de uma pessoa importante para o grupo, mas que procura não se envolver na disputa da diretoria. Nós já nos conhecíamos desde a primeira pesquisa e ela mandou-me um recado convidando-me a visitá-la. Nesse dia ela me solicitou ajuda para a morte do boi e inverteu completamente o meu

papel. Ela me colocou em condição inversa, me perguntou sobre várias coisas da minha vida pessoal e, principalmente sobre a minha relação com o Boi da Madre Deus. Questionou-me sobre o tempo em que eu acompanhava a brincadeira, porque tinha escolhido eles? Se eu gostava mesmo desse boi? Como eu tinha conhecido o grupo? Se eu tinha achado o boi bonito esse ano? Se eu gostava de São João? Se era devota dele?, entre outras perguntas. Na hora de me despedir, ela pegou a imagem de São João, me confessou que ele era um santo muito forte e falou que se eu pedisse qualquer coisa a ele eu conseguiria. Assim, foi que fiz uma promessa e terei que pagar caso seja agraciada. Selei um compromisso com o santo e com o boi, pois fui convidada para ser madrinha do mourão⁶ na morte do boi no ano de 2003.

As medidas tomadas pelo grupo em relação à minha presença, naquele contexto, delimitam e se arrogam como uma posição de conhecimento e domínio do conjunto social, aquele pelo qual a sociedade se circunscreve se reúne e adquire uma identidade definida, estabelece uma visão de mundo. Como um confronto de valor, um “velho” princípio se afirmava: num universo de predomínio masculino minha condição de mulher não passaria despercebida, especialmente pelo fato de eu estar no Boi sem a companhia de um homem, um namorado, um noivo, um marido, um irmão, um pai ou mesmo um amigo. Geralmente quando todos estavam dentro dos ônibus, sendo transportados de um arraial para outro, alguns brincantes faziam uma verdadeira inquisição, perguntando: “tu estás sozinha?”, “tu vem sozinha para o boi?”, “teu marido deixa tu passar a noite toda no boi, ele não se incomoda?”, “tu é casada?”, “tu vai ficar até de manhã com a gente?” Havia também gracejos como: “a senhora é bonita, não pode ficar no boi sozinha?”, e indagações sobre o que eu estava fazendo, ou seja, “o que a senhora tá fazendo que não dança e não toca?” Vários brincantes fizeram “n” interpretações sobre a minha condição, o que me deu a certeza de estar interferindo e de ser alvo de comentários entre eles. Às vezes eu era questionada, também, porque tinha escolhido a Madre Deus para acompanhar.

Um outro fato é que os comentários dos brincantes que me conheciam demonstravam cuidados e preocupação comigo, me dando a impressão de gentileza ao mesmo tempo de fragilidade por ser mulher e estar sozinha. Assim, é que muitas vezes era avisada para não me afastar deles, quando o boi ia brincar em bairros distantes e considerados como perigosos e violentos. Estes também me ofereciam bebidas, lanches e outras coisas. A diretoria nova também demonstrava certa preocupação com a minha estadia no grupo. Essa situação geralmente era constrangedora porque me colocava em uma posição de diferença

em relação a eles. E o que gostaria de ser era uma pessoa indiferente, como qualquer outro brincante que estava ali para se divertir. Então, a todo momento era estabelecida uma linha de fronteira, demarcando “a minha posição”, “o meu lugar”.

Levando em consideração as situações sociais e relações apresentadas acima, pode-se considerar a evidência de um sinal diacrítico marcador de diferenças e de auto-afirmação dos componentes do grupo em relação aos de fora. As condições de contato e relações sociais entre pessoas de valores e hábitos distintos estão implicadas na manutenção de fronteira e fomentam uma convivência comunitária, definindo sua identidade, construída de modo contrastivo e relacional. Assim, nós e os outros, pesquisador e interlocutor, homem e mulher, se constituíram enquanto dimensão fundamental de orientação do presente trabalho.

O contexto atual do bumba-meu-boi incitou uma reavaliação e exame de alguns discursos que narram a existência da brincadeira. Com tal objetivo, resalto que vou buscar noções de categorias como tradição, modernidade, ruptura, ordem/desordem, conflito e outras para poder entender a complexidade das relações que estão sendo estabelecidas no bumba-boi. Outro traço desse trabalho é que procuro dar vazão à colocação histórica do outro. O informante torna-se “objeto-símbolo” de minhas interpretações, articulando, interagindo e revelando sua singular complementaridade.

Portanto, o material de campo colhido junto ao grupo de Boi da Madre Deus e outros grupos é o que está me informando e me alimentando - além das minhas percepções, meus sentimentos e lembranças nesses anos de vivência no folguedo, seja de forma mais sistemática ou mais livre -, bem como as leituras bibliográficas sobre o tema, em especial as que tratam do bumba-meu-boi no Maranhão.

Outras técnicas e fontes de pesquisa foram aliadas a vivência no campo. As fontes orais constituíram-se como recurso indispensável de documentação da história do grupo, já que sua história não está escrita, mas memorizada, resignificada e reconstruída por cada um dos membros que a relata. Também me foram bastante oportuno às fontes escritas como documentos (ata de fundação, livro de ata das reuniões, notícias em jornais de circulação na cidade, portaria da polícia civil e recibos) as quais reservei o “lugar” de anexo na dissertação. Além do registro fotográfico de cenas que vivenciam o folguedo: o discurso verbal somando-se ao do visual. Imagens fotográficas que considero importantes à medida que contribuem para a composição dos relatos etnográficos, visualizando algumas peculiaridades daquele universo.

4 CONCLUSÃO

Tentei fazer neste texto uma descrição de relatos etnográficos, onde busquei dialogar de igual para igual, mesmo sabendo que muitas vezes isso não tenha ocorrido, mas aqui escrevi com as emoções, em um jorro de visões, imagens e de memorizações na feição de um bolo de sensações vividas. Por isso o formato do texto nos dá a impressão de confusão, no sentido de mistura, já que o bumba-meu-boi é sentimento que se transforma em um complexo pergaminho quando se pretende entendê-lo. Pois melhor que analisa-lo é vivê-lo.

Na produção e forma desse texto procurei estar atenta, se é que isso seja possível, em objetivar o que foi apreendido, pois me posiciono e sou posicionada entre o distanciamento e a aproximação do campo vivido. É essa liminaridade, vivida por aqueles que se dedicam a estudar e escrever sobre o “outro” ou sobre nós mesmos, que dá vazão à complexidade das coisas experienciadas e analisadas. Então, em busca de compreender os sentidos dessa manifestação na vida de quem a vivencia, caminhei muitas vezes em minha própria lembrança, buscando os momentos vivenciados com intensidade dentro do boi, mostrando que os sentidos que procurava por vezes estavam também em mim. Daí, que dentro do texto pode-se encontrar posições assumidas no campo e emoções e dúvidas vividas na pesquisa etnográfica.

ABSTRACT:

This article proposes a reflection about the relationship among researcher/speaker during the field work. Starting from reports of my own experience I present some dilemmas faced by the researcher and for the speakers in the process of construction of a necessary relationship for the accomplishment of a ethnographic research. I discuss the researcher's place in relation to the of the speaker detaching that such positions are relative, because they depend, above all, of the place-other that those same actors determine for itself. This way, the ethnographic research is understood as part of a system that involves the social interaction, where the ethnographer and your speakers try to control the impressions that the others receive from them.

Key Words: Field work. Ethnography.

NOTAS

1 Este artigo baseia-se no capítulo metodológico da minha dissertação de Mestrado defendida em Março de 2003, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural/UFPE.

2 Participei da pesquisa “Religião e Cultura Popular” de maio de 1992 a agosto de 1995, sob a coordenação e orientação do Prof. Dr. Sérgio F. Ferretti. Nesse período, tive possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre boi de encantado. O boi de encantado é o nome dado a festa de bumba-boi dentro dos terreiros de mina de São Luís.

3 A noção de indivíduo, por mim, utilizada congrega-se à idéia de projeto apontada por Gilberto Velho (1981). Para o autor a instância individualizadora traduz-se em termos de desempenho distinto dos atores sociais; um “campo de possibilidades” circunscrito histórica e culturalmente. Nestes termos, valores diferenciados e singulares se manifestam, permitindo aos sujeitos operarem em planos e domínios distintos.

4 Cardoso de Oliveira, Roberto (1998).

5 Esse período trata-se do trabalho de campo desenvolvido para a dissertação de mestrado.

6 Tronco de árvore, cheio de galhos que é enfeitado. Serve para amarrar o boi no dia da morte.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cleides Antônio. **Casa das Minas do Maranhão**: vozes que “calam”, conflito que se estabelece. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CALDEIRA, Teresa. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. IN: RODRIGUES, L. M. et al. **Trabalho e Cultura no Brasil**. Ciências Sociais Hoje. N. 1. Recife, Brasília: ANPPCS/CNPq, 1981.

CANJÃO, Isanda Maria Falcão. **Bumba-meu-boi, o Rito pede “Passagem” em São Luís do Maranhão**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CARDOSO, Roberto de Oliveira. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís: [s.n], 1995.

CAVALCANTI, Maria Laura. O Bumba-meu-boi do Maranhão: apreciação analítica. In: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n. 17, ago. 2000.

DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira, **Aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem**: as festas na estrutura social camponesa. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1977.

SANCHES, Abmalena Santos. **Capricho do povo**: estudo sobre o grupo de bumba-meu-boi da Madre de Deus. São Luís, 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – UFMA, São Luís, 1997.

_____. A passagem da Casa para a Rua: o ritual do batismo do bumba-meu-boi. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n.17, ago. 2000.

SILVA, Carlos Benedito R. da. **Ritmos da Identidade**: mestiçagem e sincretismos na cultura do Maranhão. 2001. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, George. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira, **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. O Antropólogo Pesquisando em sua Cidade: Sobre Conhecimento e Heresia. In: VELHO, Gilberto, **O Desafio da Cidade**. Editora Campus, 1980.

_____. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1981.